

Índice

PRÓLOGO: Entrando no Campo da Mente	15
PRIMEIRA PARTE: Barridos de Elefantes	19
A Grande Questão	23
O Mesmo Cérebro Básico	31
Distintamente Humano?	41
Circuitos Profundos e Antigos	47
Somos Uma Família	52
A Maternidade Acontece	59
Os Elefantes Amam as Suas Crias?	67
Empatia nos Elefantes	77
Luto Bom	85
Não Sei como É que Vocês Se Despedem	95
Eu Digo Olá	107
Conter-Se, Deixar-Se Ir	117
Mentes Perturbadas	122
Ébano e Marfim	131
De onde Vêm os Elefantes Bebés	152
SEGUNDA PARTE: Uivos de Lobos	163
Entrando no Pleistoceno	165
Um Lobo Perfeito	170
Entrar e Sair da Alcateia	179
Uma Loba Chamada Seis	189
Um Estilhaçar de Promessas	196
Em Tempos de Trégua	207

Párias Magníficos	213
Aonde Nos Leva o Pássaro dos Lobos	222
Música Lupina	232
O Caçador É Um Coração Solitário	243
Uma Vontade de Viver	250
Criados Domésticos	255
Duas Pontas da Mesma Trela	264
TERCEIRA PARTE: Queixumes e Ódios de Estimação	277
A Teoria da Mente Ausente	279
Sexo, Mentiras e Aves Marinhas Humilhadas	287
Presunção e Engano	296
Risadinhas e Ideias Disparatadas	305
Espelho Meu, Espelho Meu	313
E por Falar em Neurónios	320
Gente de Uma Nação Antiga	327
QUARTA PARTE: Lamentos Assassinos	335
<i>Rex</i> Marinho	337
Um Assassino mais Complexo	345
Simplesmente muito Sexuais	350
Visões Interiores	359
Mentes Diferentes	369
Inteligentes em Que Sentido?	381
O Cérebro Social	391
Crendice	398
Com a Ajuda no Pensamento	416
Não Incomodar	424
Ter e Guardar	433
Conte- <i>Se</i> com Personalidade	443
Uma Visão Verdadeira e Portentosa	450
EPÍLOGO: Rabisco Final	462
Notas	465
Bibliografia Seleccionada	489
Agradecimentos	493

Para lá das Palavras



PRÓLOGO

Entrando no Campo da Mente

Pergunta, pois, aos bichos e eles ensinar-te-ão; e às aves do céu e elas instruir-te-ão; Ou conversa com a terra e ela ensinar-te-á: e com os peixes do mar e eles anunciar-te-ão.

Job 12, 7-8

Outro vasto grupo de golfinhos acabara de vir à superfície junto da nossa embarcação em movimento — saltitando e salpicando e chamando-se misteriosamente uns aos outros nesse seu jeito guinchado e assobiado, com várias crias ágeis ao lado das mães. E, desta feita, limitado à superfície dessas vidas profundas e encantadoras, comecei a sentir-me insatisfeito. Desejava saber o que estariam eles a experimentar e porque é que nos parecem tão empolgantes e... *próximos*. Desta vez, dei-me permissão para lhes fazer a pergunta que é um fruto proibido: *quem* são vocês? Habitualmente, a ciência evita com veemência as perguntas relacionadas com a vida interior dos animais. Alguma vida interior hão de ter. Porém, como uma criança repreendida por ser indelicada a pergunta que ela realmente quer fazer, um jovem cientista aprende que a mente animal — se é que ela existe — é impossível de conhecer. As perguntas admissíveis são perguntas «impessoais»: onde é que vive, o que é que come, o que faz perante a ameaça de um perigo, como é que se reproduz. Porém, a única pergunta que poderia abrir a porta está *sempre* proibida: Quem?

Há motivos para se evitar essa interrogação tão complicada. No entanto, o motivo que menos reconhecemos é o facto de a barreira entre humanos e animais ser artificial, pois os humanos *são* animais. E, de

repente, ao observar os tais golfinhos, fartei-me de ser tão artificialmente delicado; desejei mais intimidade. Senti que o tempo estava a fugir-nos aos dois e que não pretendia correr o risco de ter de me despedir com a consciência de que nunca dissera propriamente olá. Eu andara a ler sobre elefantes durante o cruzeiro e o meu pensamento estava concentrado na mente dos elefantes quando me interroguei sobre os golfinhos enquanto os via a circularem com fluidez e liberdade no seu domínio oceânico. Quando um caçador furtivo mata um elefante, não se limita a matar esse elefante que morre. A família poderá perder a memória crucial da sua matriarca mais velha, que sabia para onde ir nos duríssimos anos de seca em busca de alimento e água que permitissem à família continuar a viver. Assim, uma bala poderá, anos mais tarde, provocar mais mortes. Ao observar os golfinhos enquanto pensava nos elefantes, apercebi-me do seguinte: assim que os outros reconhecem e dependem de certos indivíduos, assim que uma morte tem importância para os indivíduos que *sobrevivem*, assim que as relações nos definem, atravessámos uma certa fronteira difusa na história da vida na Terra — o «impessoal» tornou-se um «quem».

Os animais do «quem» sabem *quem* são; sabem quem são a sua família e amigos. Conhecem os seus inimigos. Estabelecem alianças estratégicas e enfrentam rivalidades crónicas. Aspiram a subir na hierarquia e aguardam a sua oportunidade de desafiar a ordem existente. O seu estatuto afeta as perspectivas futuras da sua descendência. A sua vida segue o arco de uma carreira. As relações pessoais definem-nos. Parece familiar? Claro que sim. «Eles» incluem-nos a nós. Porém, uma vida intensa e familiar não é domínio exclusivo dos humanos.

Olhamos para o mundo através dos nossos próprios olhos, como é óbvio. Porém, ao olharmos de dentro para fora, vemos um mundo do avesso. Este livro adota a perspectiva do mundo exterior a nós, um mundo em que os humanos não são a medida de todas as coisas, uma raça humana entre outras raças. Através do nosso afastamento da natureza, cortámos o nosso sentido de vida comunitária e perdemos o contacto com a experiência dos restantes animais. E, uma vez que tudo na vida acontece numa escala móvel, compreender o animal *humano* torna-se mais fácil em contexto, vendo o nosso fio humano entretecido na trama da vida a par dos fios de tantos outros.

* * *

A minha intenção era fazer uma pausa na minha escrita habitual sobre questões de defesa do ambiente, regressar ao meu primeiro amor: ver simplesmente o que fazem os animais e perguntar porque é que o fazem. Viajei no sentido de observar alguns dos bichos mais protegidos do mundo: os elefantes de Amboseli no Quénia, os lobos de Yellowstone nos Estados Unidos e as orcas nas águas no noroeste do Pacífico; porém, em todos esses lugares encontrei os animais a sentirem as pressões humanas que afetam de forma direta aquilo que fazem, para onde vão, quanto tempo vivem e como se safam as suas famílias. Portanto, neste livro deparamo-nos com as mentes de outros animais e pomo-nos à escuta: daquilo que precisam que ouçamos. A história que se conta a si mesma não é apenas a do que está em jogo, mas a de *quem* é que está em jogo.

A grande perceção é a de que toda a vida é una. Quando tinha sete anos, eu e o meu pai consertámos uma barraquinha que havia no quintal e arranámos uns pombos-correios. Observando-os a construírem os seus ninhos nos esconderijos, vendo-os a fazerem a corte, a discutirem, a cuidarem das crias, a voarem para longe e a regressarem fielmente, o facto de precisarem de comida, água, uma casa e uns dos outros, apercebi-me de que viviam nos seus apartamentos tal como nós vivemos nos nossos. Iguais a nós, mas de um modo diferente. Ao longo da minha vida, a experiência de viver com muitos outros animais, de os estudar e de trabalhar com eles no seu mundo e no nosso, apenas veio alargar e aprofundar — e reiterar — a minha impressão de uma vida partilhada. É essa a impressão que procurarei partilhar convosco nas páginas que se seguem.